

Provérbios franceses e latinos

Tradução e comentários adicionais: Newton Cunha

Para cada dia, basta a sua dor (*À chaque jour suffit sa peine*). Não vale a pena preocupar-se antecipadamente com eventos futuros, ensina o provérbio. Bastam as dificuldades do dia a dia, aquelas que nos são imediatas e contra as quais podemos, eventualmente, nos aplicar. A esse respeito, disse Sêneca: ***quot mala venerunt non expectat, quam multa nunquam comparuerunt expectata***, ou seja, quantos males surgiram e não foram previstos; quantos outros, esperados, nunca ocorreram.

O bom vinho não requer anúncio (*À bon vin, pas d'enseigne*). As coisas boas, que com o tempo perduram, ganham renome sem muito alarde. É o que afirma o dito latino em ***prova merx facile emptorem reperit***: a boa mercadoria encontra facilmente um comprador. A qualidade inerente de algo que se cria ou se produz é o primeiro e mais importante requisito para uma notoriedade duradoura.

À força de forja se faz o ferreiro (*À force de forger on devient forgeron*). A prática constante ou a repetição de exercícios (melhor ainda se aliada a um conhecimento teórico), resulta no aperfeiçoamento evidente das ações e no domínio da matéria. Um aforismo latino que se refere a tal preceito é o que diz: ***Taurum tollet qui vitulum sustulerit***, v.g., sustentará um touro quem um novilho sustentar (durante o seu crescimento). Assim se exercitava fisicamente o lendário Milon de Crotona, por doze vezes vencedor em jogos píticos e olímpicos.

É preciso aceitar o tempo como ele vem, os homens pelo que são e o dinheiro pelo que vale (*Il faut prendre le temps comme il vient, les hommes pour ce qu'ils sont et l'argent pour ce qu'il vaut*). É uma conduta sábia entender que o tempo e a vida nos trazem muitos inconvenientes, inerentes aos fenômenos, tais como eles são, e não como deveriam ou poderiam ser, apenas

para nosso prazer pessoal. E embora o dinheiro seja útil e necessário à sobrevivência, não deve ser tomado como objetivo único ou máximo, mas como recurso a ser bem administrado. A reflexão e a experiência são os instrumentos com os quais evitamos os males e nos damos a satisfação sempre desejada. Não por outro motivo, escreveu Plauto: (Aprende) como são os homens, para que determines a tua conduta.¹

É fácil mentir para quem vem de longe (*À beau mentir qui vient de loin*). Uma boa parte das pessoas costuma imaginar e acreditar que os povos, os costumes e as nações mais distantes são estranhos, quase incompreensíveis ou até mesmo ridículos. Outra parcela, bem ao contrário, pensa que as coisas que se encontram muito afastadas de si são melhores e mais belas do que aquelas que conhecem e com as quais convivem local e cotidianamente. Daí que os relatos fantasiosos, exagerados e mesmo falsos podem ser mais facilmente críveis, porque idealizados como modelos de perfeição. Talvez por esse motivo, já entendiam os latinos que ***Omne ignotum pro magnifico***, ou seja, tudo o que se ignora, ou com o qual não se convive, é magnífico, formidável, objeto de grande estima.

Seguir o rabo do lobo bobo (*Aller à la queue leu leu*).² O provérbio designa uma fila de pessoas dispostas a seguir um líder, seja por medo ou conveniência pessoal, pouco importando o resultado da marcha, assim como fazem as alcateias. Em alemão, é comum dizer-se daqueles que seguem as opiniões dominantes, mas nem por isso as mais acertadas: *Mit den Wölfe heulen* – uivar com os lobos. *Mutatis mutandis*, o mesmo que comportamento bovino, aquele que se dá pela inércia da comodidade ou tão-somente pelo instinto.

Depois da pança vem a dança (*Après la panse vient la danse*). Após ter-se comido e bebido satisfatoriamente, o bom humor e a disposição para cantar e dançar aumentam. O poeta François Villon faz referência a esta máxima no final de um pequeno poema seu: *É bem verdade que tenho amado / e amaria*

¹ *Ut homines sunt, ita morem geras.*

² Literalmente, *ir atrás da cauda do lobo*. A palavra *leu*, em francês medieval, significa lobo. E a repetição *leu leu* indica uma parlenda ou cantiga infantil.

*prazerosamente. / Mas, ó coração, o ventre esfaimado / Que de um terço está cheio somente / Com os caminhos do amor não combina. / De fato, a recompensa se afiança / a quem já se fartou na oficina, / porque, depois da pança, vem a dança.*³

No novo, tudo é belo (*Au nouveau tout est beau*). Desde há muito, mas sobretudo com o advento da Modernidade, da Industrialização e das Tecnologias domésticas e automatizadas, aquilo que é novo adquiriu um valor não apenas desejável, mas superior a quase todos os demais critérios qualitativos de julgamento. Esse fenômeno pode ser nitidamente observado nas formas das relações sociais, na posse e no consumo de bens, nas artes, nas ciências e nos aparelhos de uso particular ou industrial. Tal princípio, como tudo levado a extremos, denota uma crescente irracionalidade da vida sociocultural contemporânea, já que, com tal exigência ou expectativa, nada mais se torna estável, duradouro e digno de apreço por si, mas sobretudo por sua simples novidade.

A ninguém cabe fazer o impossível (*À l'impossible nul n'est tenu*). Se, por um lado, nos é claramente compreensível que muitas ações estão além de nossas forças, de nossas capacidades e entendimento, o que justifica o velho ditado latino ***Ad impossibilia nemo tenetur***, por outro não podemos dizer que algo nos seja impossível apenas por falta de vontade, de determinação própria, ou por mera ignorância. O que está exposto em outra máxima latina, também parcialmente verdadeira: ***Homo faber suae quisque fortuna*** – o homem é artífice de seu próprio destino. O impossível constitui o que não pode ser, aquilo que não pode ocorrer, o inalcançável por fatores externos e intangíveis a nós mesmos, indivíduos ou humanidade.

Advogado, passemos ao dilúvio (*Avocat, passons au déluge*). Serve a recomendação a todos aqueles que falam muito e com detalhes sobre um assunto que se deve resolver com maior objetividade e presteza. A frase se

³ *Bien est vrai que j'ai aimé / Et j'aimerais volontiers. / Mais, triste coeur, ventre affamé, / Qui n'est rassasié au tiers, / M'a oté des amoureux sentires. / Au fort, quelq'un s'en recompense / Qui est rempli sur les chantiers; / Car de la panse vient la danse.*

tornou célebre ao ser empregada por Racine, em sua comédia *Plaideurs* (Pleiteantes, ato III), quando o personagem *Intimé* começa a expor suas razões “antes da criação do mundo”, e seu interlocutor, Leandro, prevendo que o discurso seria extenso, o convida a abreviar o relato.

Ter várias cordas no arco (*Avoir plusieurs cordes à l'arc*). Significa ter diferentes soluções para resolver um problema, ou meios de alcançar um objetivo ou mesmo sobreviver. A expressão data dos tempos de Carlos Magno que editou uma ordem em 813 para que se fabricassem arcos com duas cordas, a fim de evitar que uma, tendo-se rompido na luta, seus soldados ficassem desarmados.

Construir castelos na Espanha (*Bâtir des châteaux en Espagne*). O ditado, que passou a denotar os sonhos e as imaginações impossíveis de se tornarem realidade, difundiu-se em várias línguas europeias a partir do século XI, quando muitos castelos foram erguidos ou ampliados por senhores feudais, o que não ocorreu na Espanha. Segundo o poeta e jurisconsulto francês Pasquier, “os que estimam as razões disso consideram que foi para impedir que os mouros, que ali faziam ordinariamente muitas incursões, não surpreendessem alguns castelos e fortificações, tendo assim meios para fazer uma retirada demorada e segura” (*Des Recherches de la France*). Montaigne, em seus *Ensaíes* (livro II), escreve: “Um devaneio sem corpo e sem sujeito rege nossa alma e a agita. Eu me ponho a fazer castelos na Espanha e minha imaginação ali forja comodidades e prazeres com os quais minha alma se afaga e rejubila”.

O direito tem, com frequência, necessidade de ajuda (*Bon droit a souvent besoin d'aide*). Bem antes, os latinos julgavam que ***Indiget auxilio vel bona causa bono***, ou seja, que uma boa causa talvez tenha necessidade de auxílio. O provérbio quer dizer que não basta a letra da lei, mas há que se contar com a boa vontade ou ajuda do juiz encarregado de decidir a questão. Outra sentença latina continha o mesmo sentido: ***Plus valet favor in judice quam lex in codice*** - mais vale o favor do juiz do que a lei do código.

Comprar gato em sacola (*Acheter chat en “pouche”*).⁴ Significa fazer um negócio de maneira imprudente, sem se ter examinado todos os aspectos nele envolvidos, correndo-se o risco de ser logrado ou de se ter sérios aborrecimentos posteriores. A expressão pode ser encontrada em latim – **Emere catulum in sacco** (ganhar um cachorrinho no saco) –, em alemão - *Die Katze in Sacke kaufen* (comprar gato em sacola), e ainda em inglês, com a substituição do gato pelo porco: *To buy a pig in poke*.

Brilhar por sua ausência (*Briller par son absence*). A frase ilustra o fato de que certas pessoas são lembradas ou se fazem notar justamente por estarem ausentes daquele lugar ou acontecimento. O dito provém dos *Anais* do historiador romano Tácito (livro III). Durante os funerais de Júnia, sobrinha de Catão e irmã de Brutus, houve uma exposição de imagens das vinte mais importantes famílias patrícias, tendo-se ali notado a falta dos retratos de Cássio e de Brutus, que haviam participado do atentado contra Júlio César. Escreveu Tácito: ***Praefulgebant Cassius atque Brutus, eo ipso effigies eorum non videbantur***, isto é, Cássio e Brutus brilhavam porque suas imagens ali não eram vistas.

É a corte do rei Petô, onde todo o mundo é senhor (*C'est la cour du roi Peto* - ou Pétaud -, *où tout le monde est maître*). Utiliza-se a expressão para designar todo grupo ou comunidade em que reina a desordem e nenhuma autoridade é levada a sério. Sua origem provém da sociedade feudal francesa, quando as comunidades do reino tinham o direito de eleger um mestre dotado de privilégios e de comando. Inclusive os mendigos, cujo mestre era chamado e conhecido como *Peto* (em latim, *eu peço, suplico*) ou ainda *Pétaud*.

Isso rima como alabarda e misericórdia (*Cela rime comme hallebarde et miséricorde*). Ou seja, não há qualquer rima. Diz-se de coisas que não se complementam nem se combinam entre si.

⁴ Maneira como certos camponeses medievais pronunciavam a palavra *poche*, no sentido de saco ou sacola.

O Carvoeiro é senhor em sua casa (*Le Charbonnier est maître chez lui*). Versão francesa do dito latino **Gallus in suo sterculinum plurimum potest**: o galo, em sua estrumeira, pode muitíssimo. Mesmo a mais pobre ou humilde das criaturas tem direito ao senhorio de seu casebre.

Combater com armas corteses (*Combattre à armes courtoises*). Locução proveniente dos torneios de cavalaria medievais, depois que se impuseram condições não letais de combate (pontas de lança e lâminas resguardadas), passando a significar “combate leal”, dentro de regras restritas e de maior segurança para os litigantes.

Temei a cólera da pomba (*Craignez la colère de la colombe*). O sentido é o de se resguardar da ira ou do ressentimento de pessoas normalmente calmas, pacientes, após terem sido muito ou repetidamente incomodadas, pois a reação poderá ser mais violenta ou temível do que o esperado. A ideia da *ira columbae*, já encontrada em Jeremias (*Lamentações*), não se refere propriamente à ira divina, mas ao fato de os exércitos assírios usarem à época a pomba como símbolo e homenagem à mítica rainha Semíramis. Mas como o castigo de Jeová vinha por meio dos exércitos inimigos, o significado dado por Jeremias foi parcialmente modificado.

De bispo tornar-se capelão (*Devenir d'évêque aumônier*). Passar de uma condição superior a outra inferior, ou de uma situação confortável a uma precária. Já os latinos diziam **Ab equis ad asinus**, ir dos cavalos para os burros, sabendo-se que os cavalos sempre tiveram mais serventia, valor e prestígio do que os asnos.

É preciso bater o ferro quando está quente (*Il faut battre le fer quand il est chaud*). Não se deve esperar muito por uma decisão quando a oportunidade e as condições forem favoráveis, pois elas podem não se repetir tão cedo. A máxima provém do latim: **Oportet ferrum tundere, dum rubet**, ou seja, convém bater o ferro quando estiver rubro, pois só assim ele se encontra em condições maleáveis para ser forjado.

Entre o cão e o lobo (*Entre chien et loup*). O significado da expressão é o de ser difícil distinguir-se, nas horas de crepúsculo (do amanhecer ou do entardecer), entre esses dois animais: um que protege o rebanho e outro que o ataca. O que se aplica a tudo sobre o que se está em dúvida porque pode ser, de um lado, tranquilizador, e, de outro, ameaçador. Já no século VII, encontra-se no livro *Fórmulas de Marculfe* a frase ***Infra horam vespertinam, inter canem et lupum***, ou seja, na hora vespertina, entre o cão e o lobo. Madame de Sévigné usava o dito para se referir a ideias duvidosas ou incertas.

Estar sem lar ou lugar (*Être sans feu ni lieu*).⁵ Designa alguém ou algo que é errante, não tendo lugar fixo. Os latinos usavam a expressão ***esse sine laribus et focus*** (sem casa e sem o fogo do lar). Boileau escreveu em sua Sátira VI: Mas, eu, graças ao destino, que não tem lar nem lugar, / Hospedo-me onde apraz a Deus e onde possa ficar.⁶

Fazer estalar seu chicote (*Faire claquer son fouet*). Fazer valer seu poder, sua autoridade ou, mais alegoricamente, seu talento superior. O chicote foi durante a antiguidade um símbolo de poder ou de comando. Segundo o historiador romano Públio Vegécio (*Publius Vegetius*, século IV), no livro III, capítulo V de sua *De re militari*, ao escrever sobre os signos militares diz que “distinguem-se certas ordens de um general por um gesto de mão e pelo chicote que ele carrega, como os bárbaros”.

Não há belas prisões nem amores feios (*Il n'y a point de belles prisons ni de laides amours*). Aquilo de que não gostamos nunca nos parecerá belo, mas aquilo que amamos nunca nos parecerá feio. Se não há necessidade de se explicar o sentido negativo de qualquer prisão, por mais cômoda que seja, é interessante nos lembrarmos do dito latino: ***Quisquis amat rana, ranam putat esse Dianam*** – quem quer que ame uma rã, a considera a deusa Diana. Isso porque, como nos lembra o romancista e poeta Théophile Gautier, “a musa é sempre bela / mesmo para o insensato, mesmo para o impotente, / pois sua

⁵ Empregava-se a palavra *feu* também no sentido de lar ou domicílio.

⁶ Mas, moi, grâce au destin, qui n'ai ni feu ni lieu / Je me loge où je puis et comme il plaît a Dieu.

beleza para nós é o nosso amor por ela”.⁷ Daí chegamos ao ditado popular português: quem ama o feio, bonito lhe parece.

Cometer um fiasco (*Fare fiasco*, ou *faire fiasco*). Falhar ou ter insucesso em suas pretensões, desagradando uma ou mais pessoas. O dito é de origem italiana, já que *fiasco* significa, naquela língua, uma garrafa ou recipiente de vidro destinado a vinho ou azeite. No século XVII, o ator de *Commedia dell'Arte* Domenico Biancolelli costumava interpretar o papel de Arlequim com um objeto na mão, sobre o qual improvisava um divertido monólogo. A graça desses *lazzi* (improvisos cômicos) já ganhara notoriedade quando certo dia, tendo à mão um fiasco de vinho, não conseguiu fazer rir a plateia. Ainda no palco, reclamou e vilipendiou a garrafa, acusando-a de ser o motivo de seu fracasso. Além das línguas neolatinas, também o alemão se utiliza desta expressão: *ein Fiasko machen*.

Fazei o que digo, não o que faço (*Faites ce que je vous dis, pas ce que je fais*). Aconselhar ou mandar fazer aquilo que, verdadeiramente, não pratica ou nem mesmo acredita aquele que fala. Em forma de advertência, a ideia já se encontra nas palavras do Cristo, conforme o Evangelho de São Mateus (capítulo XXIII, versos 2 e 3): “Observai, pois, e fazei tudo quanto eles (os fariseus) vos disserem: porém, não obreis segundo a prática de suas ações: porque dizem e não o fazem”.⁸ Entre os gregos do período helenístico comparavam-se os homens que falam do bem e vivem mal à moeda de Alexandria, bela em seu aspecto, mas feita com uma mistura empobrecida de metais.

Louca é a galinha que se confessa com a raposa (*Folle est la poule qui au renard se confesse*). Diz-se daquela pessoa que, ingenuamente, faz confidências ou pede conselhos a quem lhe pode causar sérios males, prejuízos ou transtornos. A mesma noção se encontra numa expressão similar: louca é a ovelha que se confessa ao lobo.

⁷ La Muse est toujours belle, / même pour l'insensé, même pour l'impuissant, / Car sa beauté pour nous, c'est notre amour pour elle. *Revue de Deux Mondes*, tomo 26, 1841.

⁸ *Omnia ergo quaecumque dixerit vobis servate et facite: secundum opera vero eorum nolite facere; dicunt enim et non faciunt*

Grande fortuna, grande servidão (*Grande fortune, grande servitude*). Quem possui fortuna, se torna servo de seu dinheiro, de suas propriedades e posição. Isso porque o controle ou a supervisão sobre todos os bens deve ser constante, a fim de se evitarem prejuízos ou a própria ruína, o que exige deveres e preocupações permanentes. O filósofo Sêneca, ele próprio um homem extremamente rico, assim se expressou em sua peça *Hércules no Etna*: “Se os corações dos ricos estivessem abertos, ver-se-ia ali dentro quão grande é o medo que persegue a fortuna”.⁹

É preciso quebrar a casca para se ter a noz (*Il faut casser le noyau pour avoir l'amende*). Ou seja, algum esforço ou dedicação se requer para se alcançar aquilo de mais essencial ou importante. As coisas mais difíceis de serem obtidas são como o núcleo de frutos, como os das castanhas e amêndoas. Entre os latinos, se dizia literalmente: ***Qui nucleum esse vult frangit nucem*** – quem quiser o núcleo, que quebre a noz.

Não existe água pior do que aquela que dorme (*Il n'est pire eau que celle qui dort*). Convém desconfiar de pessoas dissimuladas ou taciturnas, pois indivíduos com tais características se fazem obsequiosos a fim de satisfazer objetivos ou intenções pessoais inconfessáveis. Há um verso latino anônimo, escrito por volta do século VII, e que se encontra nos *Dísticos de Catão*,¹⁰ que afirma: ***Demissos animo et tacitos vitare memento, quod flumen tacitum est forsitan latet altius unda*** – Lembra-te de evitar os de ânimo deprimido e taciturno, pois (quanto) mais um rio é silencioso, mais oculta uma onda elevada. Já em língua alemã se diz, com sentido bem diverso deste latino-francês, que “águas silenciosas são mais profundas” (*stille Wasser sind tief*), ou seja, que pessoas mais serenas têm pensamentos mais densos ou profundos.

Os dias se seguem, mas não se parecem (*Les jours se suivent, mais ils ne se ressemblent pas*). A vida consiste numa sucessão de coisas boas e ruins, de

⁹ *O si pateant pectora ditum / Quantum intus sublimis agit / Fortuna metus – Hercules Oetaeus.*

¹⁰ *Disticha catonis*, obra escrita na forma de breves sentenças, e destinada tanto ao ensino do latim quanto ao de moral.

altos e baixos, de alegrias e de tristezas. Citando o poeta Hesíodo, a quem traduziu em seu *Adagiário*, lembrou Erasmo de Roterdã que ***Ipsa dies quandoque parens, quandoque noverca est***, o que significa que o próprio dia é às vezes mãe, outras vezes madrasta.

A ociosidade é a mãe de todos os vícios (*L'oisiveté est la mère de tous les vices*). No livro Eclesiástico (capítulo XXXIII, versículo 29) encontra-se a ideia de que ***Multam malitiam docuit otiositas***, ou seja, de que a ociosidade ensina muita malícia (maldade ou má-fé). Também Horácio, nas Sátiras, III, 15, nos adverte que ***Vitanda est improba siren desidia*** – a preguiça (ou a inação) é uma sereia dissoluta que se deve evitar. Não custa ainda lembrar que Benjamin Franklin, em seu livro *La Science du Bonhomme Richard*, afirma, não sem ironia: a ociosidade vai tão lentamente que todos os vícios a alcançam.¹¹

A probidade é louvada, mas ela se aborrece (*La probité est louée, mais elle se morfond*). Exprime o sentimento de quem, sendo honesto, jamais consegue viver comodamente. O poeta latino Juvenal, em sua primeira *Sátira*, já observara que ***Probitas laudatur et alget*** – a probidade é louvada e treme de frio (quando não recompensada com a merecida dignidade). Referindo-se ao desdém pelas virtudes, assim se exprimiu o bispo Bossuet, em seu *Tratado sobre a Providência*: “Não nos adulemos e convenhamos que, para vergonha do gênero humano, os crimes mais ousados foram, costumeiramente, mais felizes do que as virtudes mais renomadas. E a razão é evidente: sem dúvida, a licenciosidade é mais dinâmica e ousada do que a modéstia, e a fortuna quer ser tomada pela força... O justo, por assim não agir, não deve se admirar se os grandes sucessos não lhe couberem”.

O fruto é para o advogado (*Le fruit est pour l'avocat*). Pouco importa o resultado da ação, o advogado inevitavelmente ganha. Desde o século XIII, quando os advogados foram proibidos em França de alegarem, em suas argumentações, textos jurídicos apenas fictícios, seus honorários já eram considerados extraordinários. Um dístico a esse respeito era corrente naquele século, sob o

¹¹ *L'oisiveté va si lentement que tous les vices l'atteignent.* (Original em francês).

reinado de são Luís: *Plenos de cobiça são advogados e notários / Todos querem antes ser pagos por seus salários*.¹² Ou ainda: *O dinheiro treme quando está à porta de um advogado*.¹³ Tal avidez não passou despercebida a Rabelais: “Um estômago sempre aberto como o surrão de um advogado” (*Gargântua*).¹⁴

As honras mudam os hábitos (*Les honneurs changent les mœurs*). É bastante comum as pessoas que ganham notoriedade ou conseguem ascender social ou economicamente abandonar os antigos hábitos, e mesmo as amizades até então mantidas. Eis a razão pela qual já entre os latinos era conhecido o provérbio: **Honores mutant mores**.

Médicos de água doce (*Médecins d'eau douce*). Médicos cujas receitas e recomendações não melhoram nem agravam o estado do paciente, ou seja, não fazem nem mais nem menos do que os efeitos da ingestão de um copo d'água.

As doenças vêm a cavalo e retornam a pé (*Les maladies viennent à cheval et s'en retournent à pied*). Não poucas enfermidades, ainda hoje, aparecem repentinamente e demoram a ser curadas, mesmo com as melhores terapias. Por isso mesmo, escreveu Ovídio: **Principiis obsta – sero medicina paratur. / Cum mala per longas invaluere moras**¹⁵ – Impede os princípios do mal, pois os remédios serão ineficazes se o deixas fortificar-se.

A necessidade não tem lei, ela faz lei (*La nécessité n'a pas de loi, elle fait loi*). Esse aforismo, proveniente do latim, **Necessitas non habet legem, facit legem**, refere-se, na verdade, a três situações distintas. Em primeiro lugar, reafirma o direito natural, ou seja, o de que uma ação premente ou inevitável constitui, ela própria, uma coação e, por isso mesmo, tem força de lei. Por exemplo, matar em resposta a um agressor que lhe põe a vida em perigo iminente, ou roubar alimentos em situação real de fome. Em segundo, adverte as autoridades públicas e os ricos e poderosos de que é indispensável prover as necessidades

¹² *Plains sont de convoitise avocats et notaires / Tous avant veulent estre paiez de leur salaires.*

¹³ *L'argent tremble quand il est à la porte d'un avocat.*

¹⁴ *Un estomach toujours ouvert comme la gibbissière d'un avocat.*

¹⁵ *D'Ovide, Bibliothèque Latine-Française, vol. 49, tomo III.*

mínimas de sobrevivência de uma população, para que ela não seja levada, por carências e desespero, a atos violentos e crimes. Por fim, a sentença não pode servir de justificativa apenas verbal para falhas morais e irresponsabilidades pessoais evidentes.

Muito esfregar, aquece; muito falar, aborrece (*Trop gratter cuit, trop parler nuit*). Assim como coçar muito o mesmo local agrava o problema, falar demais termina por incomodar o ouvinte, embora o mundo se tenha tornado por demais loquaz ou verborrágico com todos os meios de comunicação transmitindo suas mensagens 24 horas do dia. Uma antiga sentença latina, ***Non est ejusdem et multa et opportuna dicere***, já nos prevenia desse mal-estar: não se pode ao mesmo tempo falar muito e de modo oportuno ou conveniente.